

Viúva Mallen e Companhia(s): Mariana Bourgeois, mulher e editora no século XVIII

Widow Mallen and Company: Mariana Bourgeois, woman editor in the eighteenth century

JOÃO FARIA-FERREIRA

Universidade de Aveiro

joofariaferreira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3421-2223>

Texto recebido em / Text submitted on: 01/12/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 16/10/2020

Resumo. Mariana Bourgeois, a Viúva Mallen, foi uma mulher invulgar que, no século XVIII, aproveitando-se da sua condição social, fundou a sua própria oficina de impressão no Porto. Neste trabalho procura-se, através de pesquisas nos arquivos, traçar uma biografia (familiar, social e profissional) de Mariana e de suas muitas companhias (Francisco Mallen, seu marido; João Roberto Bourgeois, seu irmão; entre outros) e expor a complexa rede familiar e comercial que une todos estes. Deste modo, pretende-se contribuir para futuras investigações sobre a história dos livreiros franceses em Portugal, com ainda tantas personagens por explorar.

Palavras-chave. Viúva Mallen, Francisco Mallen, livreiros franceses em Portugal, história da edição, história do livro.

Abstract. Mariana Bourgeois, the Widow Mallen, was an unusual woman who, in the eighteenth century, taking advantage of her social status, founded her own printing workshop in Porto. In this work, by searching through the archives, we'll draw a biography (familiar, social and professional) of Mariana and her many companies (Francisco Mallen, her husband, João Roberto Bourgeois, her brother, among others) and expose the complex family and commercial network that unites all of them. In this way, we intend to contribute to future investigations on the history of the French booksellers in Portugal, a subject with still so many more characters to explore.

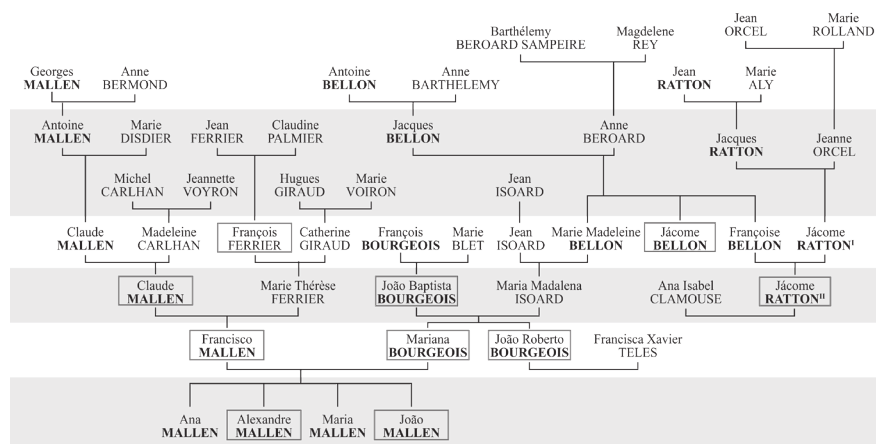
Keywords. Widow Mallen, Francisco Mallen, French booksellers in Portugal, publishing history, book history.

São ainda muitos os livreiros de origem briançonesa que viveram e trabalharam em Portugal nos séculos XVIII e XIX que estão por estudar. Efetivamente, existem muitos casos relevantes e interessantes para além dos Bertrand – não necessariamente pela longevidade do negócio, mas pelas características excepcionais de alguns desses livreiros. Neste pequeno contributo para a história das gentes do livro, apoiado pelos grandes trabalhos investigativos de Georges Bonnant, Fernando Guedes e Manuela D. Domingos, entre outros,

pretendeu-se trazer à luz a história de uma mulher que, apesar da época em que viveu, fez uso da sua condição social e das suas ligações familiares para se tornar a única mulher a liderar a sua própria oficina de impressão no Porto setecentista¹: Mariana Bourgeois, a Viúva Mallen².

Até hoje, pouco foi dito sobre os Mallen. Maria Adelaide Meireles foi, até agora, a única investigadora a debruçar-se com um pouco mais de atenção sobre a Viúva Mallen e a sua oficina tipográfica portuense. Sobre o seu marido, Francisco Mallen, também são escassas as referências: José Pinto Loureiro faz-lhe a mais breve das entradas, falando do perdão que o livreiro recebera em 1769 (AHMC, Registos, T. 54: fl. 427v), que lhe permitiu que pudesse “continuar como mercador de livros” (LOUREIRO 1954: 72).

Tornou-se então imperativa a pesquisa nos arquivos em busca de elementos que, quando juntos, pudessem pintar um retrato mais completo da família Mallen e da sua presença no mercado livreiro. Decidiu-se tentar iluminar a família através da vida de Mariana Bourgeois, que liga as várias personagens desta complexa rede familiar e comercial numa “*des pages les moins connues de l’histoire de l’édition*”, como refere Bernard Lescaze (como citado em DOMINGOS 2000: 19).



¹ Fernando Guedes, inclusive, achou o caso “estranho”: “uma Viúva Mallen & Filhos sem que anteriormente tivesse aparecido algum Sr. Mallen” (GUEDES 2012: 95).

² Segundo Meireles (1995) só duas mulheres foram impressoras no Porto durante o século XVIII: a Viúva Emery, que deu continuidade ao negócio do marido, Vicente Emery; e a Viúva Mallen, que começou a imprimir em 1793, sob “Viúva Mallen, Filhos e Companhia”.

1. Mariana, filha e neta³

Mariana terá nascido no ano de 1755, entre o mês de janeiro e o fatídico dia 1 de novembro, data do grande Terramoto que destruiu a cidade de Lisboa, onde seus pais, João Baptista Bourgeois e Maria Madalena Isoard, viviam. Infelizmente para esta investigação, os livros paroquiais da igreja de São Paulo de Lisboa foram também vítimas da catástrofe, e o registo de batismo de Mariana Bourgeois terá sido destruído e nunca reescrito⁴.

A família Bourgeois não é como a de outros franceses ligados ao mercado livreiro no século XVIII, e as suas origens são o primeiro caso de exceção a assinalar: João Baptista Bourgeois⁵ é natural de Bernay, departamento de Eure, na Alta Normandia, e veio para Portugal como comerciante. O costado briançonês de Mariana vem então de sua mãe, Maria Madalena Isoard⁶, natural da vila de Monestier de Briançon (hoje Le Monétier-les-Bains, do departamento dos Altos Alpes), na antiga província do Delfinado⁷, casada com Bourgeois a 13 de maio de 1753 (ANTI, Paróquia de São Paulo, L. C1, Cx. 15: fls. 14v-15), na já mencionada igreja de São Paulo. As ligações familiares desta Isoard (por vezes, Izoard) também são notáveis: filha de Maria Madalena Bellon, é, por via de seu avô materno, Jacques Bellon, sobrinha de Jácome Bellon e Jácome Ratton¹, e, portanto, prima de Jácome Ratton^{II}, o grande comerciante e industrial dos séculos XVIII e XIX em Portugal⁸. Mas não é só sangue e afinidade que os liga: João Baptista Bourgeois foi, de 1758 a 1764, no Porto, sócio do primo de sua mulher na firma “*Ratton, Bonifas, e Companhia*” (RATTON 1813: 24).

³ Apenas “Mariana”, pois às crianças, no seu batismo, é dado apenas o(s) nome(s) próprio(s). Como jovem menina, seria normal ser considerada sempre na sua relação com o homem: pai, avô ou até irmão.

⁴ João Roberto Bourgeois (n. 27.04.1754), seu irmão, viu, ao contrário do que aconteceu com Mariana, o seu batismo reasentado nos livros paroquiais, já no ano de 1759.

⁵ Jean Baptiste “le Bourgeois” nasceu em 09 de junho de 1722, foi batizado no mesmo dia, e faleceu no dia 20 de abril de 1772.

⁶ Marie Magdelene “Hysouard”/Isoard nasceu em 03 de março de 1736, foi batizado no mesmo dia, e faleceu no dia 16 de maio de 1786. Seus padrinhos de batismo foram Jacques Ratton (não se sabe se Jacques ou Jácome Ratton^I) e Marie Isoard. A aceitar a lógica de Guedes (2012: 22), entendendo que a coincidência de nomes significa obrigatoriamente uma relação familiar (o que, através de uma procura metódica nos livros paroquiais de Monestier e de Briançon, se prova falso), podemos apontar como dado de interesse a existência de apelidos como Barthelemy, Beroard e Rey na ascendência de Maria Madalena.

⁷ Como disse François Grasset em 1754: “Le commerce de la librairie en Espagne et au Portugal, de même (sic) que celui de beaucoup de villes d’Italie, est presque tout entre les mains des français, tous sortis d’un village situé dans une vallée du Briançonnais, dans le Dauphiné.” (como citado em BONNANT 1961: 197).

⁸ Para este trabalho, e de forma a conseguir distinguir os três Jacques/Jácome Ratton, definiu-se que seriam, do mais velho para o mais novo: Jacques Ratton (avô), Jácome Ratton^I (pai) e Jácome Ratton^{II} (filho); este último foi o que ficou mais famoso e é autor de *Recordações de Jacome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal de Maio de 1747 a Setembro de 1810*.

Ao que tudo indica, os Bourgeois mudaram-se para o Porto pouco depois do Terramoto, e em 1759 nasce uma outra filha do casal, Rosa⁹. Lá viveram na Rua das “*Quongostas*”¹⁰, a mesma em que viviam Jácome Bellon, o dito tio materno de Maria Madalena Isoard, e sua mulher Maria Purat.

Mais tarde, em 1769, João Baptista Bourgeois fica interessado em “reabilitar a fábrica de papel da Lousã, determinando para o efeito as suas condições” (CAMPOS 2009: 146), pelo que lhe foi vendida pela Coroa. Bourgeois, no entanto, não sobreviveria o suficiente para tão grande empreendimento, falecendo, em Monestier¹¹, no dia 19 de abril de 1772 (ADHA, 5 MI 193, 1770-1773, imag. 75).

Mas, efetivamente, nenhuma destas famílias ficou conhecida pela sua ligação ao mercado livreiro: dos Isoard só se conhece a ligação, por via de casamento, com os Borel, sendo conhecida a união entre Maria Madalena Izoard¹² e João Francisco Borel (CURTO, DOMINGOS, FIGUEIREDO & GONÇALVES 2014: 639); e dos Bellon, ainda que reputados negociantes, não há nota de algum membro ter sido mercador de livros. Portanto, ainda que a maior parte destes franceses tenha ligações a Monestier de Briançon, verificou-se uma maior heterogeneidade dos tipos de negócios, assim como no que toca à origem destes clãs: os Bourgeois, como já foi dito, originários do Norte de França; e os Ratton, se recuarmos ao avô paterno de Jácome Ratton¹¹, originalmente de Besançon, departamento de Doubs, na região de Borgonha-Franco-Condado (ADHA, 5 MI 192, 1710-1714: fl. 3v.).

2. Marianne Mallen, esposa¹³

No dia 8 de agosto de 1770 (ADP, Paróquia da Sé, L. C18: fl. 81v; Paró-

⁹ Rosa nasceu no dia 04 de setembro de 1759 e foi batizada no dia 08 do mesmo mês (ADP, Paróquia da Sé, L. B26: fl. 196); é afilhada de Jácome Bellon e sua mulher Maria Purat, tios-avós do lado materno.

¹⁰ Antiga Rua das Congostas, atual Rua de Mouzinho da Silveira, na Baixa do Porto, freguesias da Sé e São Nicolau.

¹¹ A ideia de que “morreu inesperadamente” (CAMPOS 2009: 146) deve ser problematizada, visto que, se acreditarmos no seu assento de óbito, Bourgeois mudou-se para Monestier em 1770, onde residiu até ao seu falecimento.

¹² Esta Maria Madalena não pode ser a mãe de Mariana, visto que se casou com João Francisco Borel em Monestier no dia 27.11.1766 (ADHA, 5 MI 193, 1764-1768, imag. 81) – numa altura em que a outra Isoard ainda era casada com João Baptista Bourgeois –, e por ser esta filha de um Joseph, e a outra filha de um Jean.

¹³ “*Marianne Mallen*” foi como assinou no sumário matrimonial do irmão, João Roberto, denunciando um respeito pela sua língua materna, visto que o nome é afrancesado, um processo inverso daquele que era habitual para os franceses em Portugal. Nesta secção explora-se a relação de Mariana com Francisco Mallen, assim como a história deste livreiro.

quia de Massarelos, L. C6: fl. 151v), Mariana, na altura com cerca de 16 anos, casou, na capela do Corpo Santo de Massarelos, com Francisco Mallen, mercador de livros. Francisco, natural de Briçon, nasceu em 2 de novembro de 1741 (ADHA, 5 MI 104, 1741-1742: fl. 42), filho do médico da vila, Cláudio Mallen¹⁴ e de sua mulher Maria Teresa Ferrier¹⁵, e já estará em Coimbra como mercador de livros no decénio de 1760 (LOUREIRO 1954: 38). O sumário matrimonial (ou processo de casamento) do casal poderia elucidar melhor sobre a vinda de Mallen para Portugal, mas esta documentação não se encontra nem no Arquivo Distrital do Porto, nem no Arquivo da Diocese do Porto. O documento mais antigo descoberto até hoje que nos situa Francisco Mallen em Coimbra é de 1769, e trata-se do “registro da graça e perdão de Francisco Mallen” (AHMC, Registos, T. 54: fl. 427v).

É-nos também desconhecida a morada da família entre 1770 e 1776, sendo possível que tenham ido morar na cidade de Coimbra. Temos mais certezas da residência do casal Mallen em Coimbra a partir de 1776 e até 1779, ano em que, pelo que nos é dito por Francisco quando testemunha no sumário matrimonial de seu cunhado João Roberto Bourgeois, é morador na freguesia da Encarnação, Lisboa (ANTI, Câmara Eclesiástica de Lisboa, Sumários Matrimoniais, m. 1083, n.º 20). Sabemos, pelos livros de batismos da Sé Nova de Coimbra, que tiveram na cidade três filhos: Ana, Alexandre e Maria. Durante este período, viveram ao Arco de Almedina, lugar de residência de outros livreiros franceses, como os Ginioux. Aliás, por documentos notariais (AUC, L. 1, V-1E-9-3-20: fls. 61v e 97.), sabe-se que, em 1778, Pedro Borel é assistente em casa de Francisco Mallen, revelando-se então uma relação entre estas duas famílias. Sobre a livraria de Mallen em Coimbra, é possível que se tenha situado ao Arco de Almedina, ou nas suas imediações (Rua das Fangas, Rua de Quebra Costas, Rua da Calçada¹⁶). Em Lisboa, apesar de Mallen não ser contemplado nas investigações de Curto et al. (2014), conseguiu-se apurar que, segundo a última página da Écloga de *Durindo, e Floro* (Oficina Luisiana, 1780), a sua livraria lisboeta se situaria “defronte do Chafariz de Loreto”.

Procurada a documentação da Real Mesa Censória, encontrou-se um processo de buscas de livros em casa de Francisco (ANTI, Real Mesa Censó-

¹⁴ Claude Mallen, natural de Briçon, e filho de Claude Mallen e Madeleine Carlhan, nasceu no dia 14 de setembro de 1714, foi batizado no dia seguinte, e faleceu no dia 06 de dezembro de 1743; era afilhado de Antoine Arduin, mercador de Briçon, e Marie de Bayle, senhora nobre casada com André Pleure.

¹⁵ Marie Thérèse Ferrier nasceu no dia 20 de setembro de 1723, e foi batizada no mesmo dia. Foi filha do mercador e segundo cônsul de Briçon, François Ferrier e sua mulher Catherine Giraud. Foi casada em segundas núpcias com Marcellin Berard.

¹⁶ As atuais Rua Fernandes Tomás, Rua de Quebra Costas e Rua Ferreira Borges, respetivamente.

ria, cx. 177). No mês de julho de 1779, por ordem da Real Mesa Censória, foram efetuadas buscas de livros proibidos nas lojas, armazéns e casas de alguns livreiros franceses em Lisboa, dos quais: Francisco Rolland, João José Dubeux, Paul Martin¹⁷, “Borel, Borel & Companhia”¹⁸, Viúva Bertrand e Filhos, João Baptista Reycend e Francisco Mallen¹⁹. Neste episódio, que durou menos de dez dias, a Real Mesa Censória conseguiu criar um total ambiente de terror entre a comunidade de livreiros franceses, levando dois para a cadeia.

Francisco Mallen testemunha num outro processo (ANTT, Real Mesa Censória, cx. 176), a 26 de novembro de 1777, em Coimbra, onde se diz mercador de livros dessa cidade e confessa que não vende muitos livros em português na sua loja. Sabemos que os catálogos destes livreiros eram, muito provavelmente, compostos na sua maioria por livros franceses (DOMINGOS 2002: 33-39), mas é curiosa a confissão de Francisco.

Não se sabe com certeza em que ano a família se mudou definitivamente para o Porto, mas em 1788 já viviam no Bairro e freguesia de São Pedro de Miragaia (MEIRELES 1995: 39), lugar onde Francisco, “sem juízo há tempos” (ADP, Paróquia de Miragaia, L. 09: fl. 343), haveria de falecer, a 13 de abril de 1788.

3. Viúva Mallen, editora

Mariana surge, ainda em 1788, poucos meses antes da morte de Francisco, como “curadora da Pessoa de seu marido” (ADP, 7.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, L. 376: fl. 116.), na altura já “mentecapto”, quando passa procurações, no dia 26 de janeiro (e em casa de Manuel Bellon), a Jácome Bellon, em Lisboa, e Bento Rodrigues de Macedo, da cidade de Coimbra (MEIRELES 1995: 39).

Não sabendo ainda em concreto como Mariana entrou no mercado da impressão, podemos afirmar que em 1793 já saem de sua oficina várias obras²⁰. Desconhece-se quem será a “Companhia” em “Viúva Mallen, Filhos

¹⁷ Estes dois últimos foram presos na Cadeia do Castelo de Lisboa.

¹⁸ Diogo Borel era o sócio que se encontrava à época em Portugal, e depois de serem encontrados quarenta volumes, de onze obras diferentes, em sua livraria, teme vir a ser preso como os seus colegas de profissão, Dubeux e Martin. O seu processo é interessante pela eloquência da carta que Borel dirige à Rainha, onde se defende de um possível encarceramento.

¹⁹ Nas casas destes últimos três não foram encontradas nenhuma das obras proibidas.

²⁰ No Anexo 1 deste trabalho listam-se onze obras, das doze mencionadas na Relação feita por Meireles (1995: 28-29), publicadas sob a chancela da Viúva Mallen. No entanto, só foram encontradas obras publicadas desde 1794, o que nos deixa adivinhar que a obra em falta seja de 1793.

e Companhia”, mas sabe-se que serão, já desde 1794, impressores do Tribunal da Relação do Porto.

A produção editorial da “Viúva Mallen, Filhos e Companhia” não é extensa, sendo no entanto bastante variada em temáticas: dividindo as obras por temas gerais, com as mesmas classificações usadas por Domingos (2002: 34-35), podemos observar que o tema mais prevalente é a Teologia (com cinco obras publicadas), seguido de Belas-Letras (com três), de Ciências e Artes (com duas) e História (com apenas uma²¹). Se, por outro lado, for observada a produção da oficina, podemos notar que se publicaram três livros anualmente, com a exceção de 1795 e 1798, onde apenas se publicou uma obra.

Analisando os títulos e seus autores surgem também outros dados relevantes. Não nos parece coincidência, por exemplo, que tenha sido publicada a obra *Discurso a favor das sciencias no governo monarchico*, da autoria de José Manuel Ribeiro Vieira de Castro, homem que era, à altura, o Desembargador do Tribunal da Relação do Porto. É também curiosa a relação com o médico portuense José Bento Lopes, visto que pela Oficina da Viúva Mallen se publicaram duas obras desse autor (uma tradução e um original). A diversidade das produções iniciais não se verifica em 1797, quando já só se publicam obras teológicas de referência.

Em 1798, Manuel Bellon vende a Mariana e João Agathon, um francês, “uma porção de livros impreços juntamente de huma oficina com três prelos e mais moveis anexos” (ADP, 8.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, L. 371: fl. 78v), por “sete contos oitocentos oitenta mil novecentos e quinze reis”, venda que é feita “fiada por tempo de nove anos” (MEIRELES 1995: 39-40). É por essa escritura que damos conta que Mariana e família residiam na Rua das Virtudes.

Do contrato de sociedade assinado entre Agathon e Mariana, no mesmo dia de 7 de maio de 1798, Meireles (1995) retirou as seguintes informações:

- A sociedade seria conhecida pelo nome de João Agathon;
- nela teriam de existir todos os livros de conta necessários: um livro de facturas de venda, um de conta corrente, um caixa e “os mais auxiliares”;
- todos os anos teria de ser feito o balanço e a a [sic] Mariana Mallen assistia o direito de examinar toda a escrita;
- seria à custa dos dois sócios o conjunto das despesas necessárias à sociedade. Nessas despesas estavam incluídas as que res-

²¹ Considerou-se, então, o *Discurso a favor das sciencias no governo monarchico* como uma obra de História, ainda que não seja errado colocá-la como uma das Belas-Letras.

peitassem a alimentação de João Agathon, à dos filhos de Mariana Mallen e à de “seos servos”, bem como o aluguer da casa;

– os sócios poderiam levantar, cada um deles, a quantia de cento e quarenta e quatro mil réis, mas Mariana Mallen teria a seu cargo o vestuário e outras coisas necessárias a seus filhos, empregados da casa;

– por morte de um dos sócios, o outro ficaria com a possibilidade de continuar a sociedade ou dá-la por finda, procedendo à liquidação das contas;

– os lucros seriam repartidos em parcelas iguais. (p. 40).

Depois de 1798, portanto, deixa de ser mencionada a Viúva Mallen nas publicações da sociedade, tendo sido impresso em 1798, já sob “Oficina de Viúva Mallen, e Agathon”, o livro *Queixas de Clorindo*, uma obra poética, acabando aqui o envolvimento mais direto de Mariana nos negócios da imprensa, ainda que com todos os direitos e deveres acima mencionados.

4. Mariana Bourgeois, irmã²²

A verdade é que no dia 9 de dezembro de 1799, um ano depois de firmar sociedade com Agathon, é passado passaporte a Mariana e sua filha, Ana Mallen, com destino à cidade do Rio de Janeiro, para lá “viver na companhia de seu Irmaão, e Tio Joam Roberto Bourgeois ali estabelecido em Caza de Comercio” (AHU, Códice 808, Passaportes 1798-1806: fl. 68). A partir daqui perde-se o rasto da Viúva Mallen. É possível que não tenha regressado mais a Portugal, e que tenha acabado por falecer no Brasil.

É importante referir que João Roberto foi, juntamente com Paulo Martin (um outro francês, nascido em Portugal e filho de livreiro), um dos primeiros livreiros especializados a estabelecer-se no Rio de Janeiro (NEVES 2002). Foi casado com Francisca Xavier Teles, uma brasileira (que à época se encontrava no Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação e Carmo), em 19 de novembro de 1781 (ANTT, Paróquia de São Julião, L. C3, Cx. 10)²³, e partiu para o Brasil no ano seguinte. Pelo passaporte que lhe é emitido em 1782 podemos tentar reconstruir a imagem de João Roberto: “estatura ordinária, Rosto comprido, claro, olhos castanhos, e uza de cabelleira” (AHU, Códice

²² Aqui surge Mariana com seu nome de solteira, numa tentativa de relevar a relação com seu irmão, João Roberto Bourgeois, que marcou o final da sua vida, com a ida (talvez permanente) da Viúva Mallen para o Brasil.

²³ Desse casamento foram testemunhas Jácome Ratton^{II} e Gabriel Daupiás.

805, Passaportes 1782-1787: fl. 12v). Sabe-se que terá regressado a Portugal em 1794 ou 1795, por lhe ter sido concedida autorização (em 14 de março de 1795) para voltar ao Rio de Janeiro, onde “recolhe á sua casa naquela Cidade” (AHU, Códice 807, Passaportes 1791-1798: fl. 127). Para além de livreiro, foi também Administrador das Cartas de Jogar (NEVES & FERREIRA 2014: 40). Veio a falecer, inesperadamente, no início de 1814.

5. Alexandre e João Mallen, filhos

Ainda que em forma de um muito breve apontamento, é importante referir o que se sabe até o momento sobre a descendência do casal Mallen; esperando que tal possa suscitar uma futura investigação da família.

Alexandre, sabe-se, foi livreiro, continuando, portanto, no negócio de família: faz-se-lhe menção na *Gazeta de Lisboa*, onde anuncia vários livros à venda na sua loja no Largo de São Domingos, no Porto (MEIRELES 1995: 40). João Mallen terá sido negociante, mas o seu feito mais notável foi o seu serviço prestado à nação francesa, como vice-cônsul²⁴.

6. Conclusões

Este trabalho começou por se questionar se se pode falar de exemplo de emancipação feminina no caso de Mariana Bourgeois. É difícil responder. A verdade é que Mariana fez mais do que a típica viúva endinheirada da época; e para isso fez um fantástico uso das suas ligações familiares. Mas também é um facto que, com maior ou menor facilidade, cumpriu o que lhe era imposto como mulher. Ficam ainda muitas dúvidas por esclarecer: Porque foi Mariana para o Brasil, tendo aberto sociedade um ano antes de partir? Voltou para Portugal, ou faleceu mesmo no Brasil? Qual a influência que teve nos negócios do marido, na sociedade com Agathon, e com o seu irmão?

É também necessário avaliar o impacto dos Bourgeois-Mallen no comércio livreiro e na impressão de livros em Portugal no século XVIII. Confiança nos dados levantados por Meireles (1995: 28-29), a oficina de Mariana Bourgeois foi a 6ª mais prolífera das portuenses setecentistas; e com negócios em Lisboa e Coimbra, Francisco Mallen não parece ser um pequeno livreiro. Uma investigação aprofundada desta rede complexa de contactos, e das vidas

²⁴ Surge em vários periódicos o seu nome e a sua ação como vice-cônsul, como na *Gazeta Oficial* do Porto, n.º 27, 1828: 3.

de todas as personagens aqui tratadas, seria muito benéfica para os estudos de história da edição e do livro, assim como para todos os interessados na história desse curioso povo alpino que dominou o mercado livreiro português no século XVIII.

Abreviaturas:

ADHA – Archives Départementales des Hautes-Alpes.

ADP – Arquivo Distrital do Porto.

AHMC – Arquivo Municipal Histórico de Coimbra.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra.

Fontes impressas

RATTON, Jácome (1813). *Recordações de Jácome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Londres: H. Bryer.

Fontes Manuscritas:

ADHA, *Registres de l'état-civil*, Briançon, Livro de 1741-1742, fl. 42.

ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monétier-les-Bains, Livro de 1710-1714, fl. 3v.

ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monétier-les-Bains, Livro de 1764-1768, imagem 81.

ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monétier-les-Bains, Livro de 1770-1773, imagem 75.

ADP, 7.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, Livro 376, fl. 116.

ADP, 8.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, Livro 371, fl. 78v.

ADP, *Paróquia da Sé*, Registos de batismos, Livro B26, fl. 196.

ADP, *Paróquia da Sé*, Registos de casamentos, Livro C18, fl. 81v.

ADP, *Paróquia de Massarelos*, Registos de casamento, Livro C6, fl. 151v.

ADP, *Paróquia de Miragaia*, Registos de óbitos, Livro O9, fl. 343.

AHMC, *Registos*, Tomo 54 (B56/8), fl. 427v.

AHU, *Códice 805*, Passaportes 1782-1787, fl. 12v.

AHU, *Códice 807*, Passaportes 1791-1798, fl. 127.

AHU, *Códice 808*, Passaportes 1798-1806, fl. 68.

ANTT, *Câmara Eclesiástica de Lisboa*, Sumários Matrimoniais, maço 1083, n.º 20.

ANTT, *Paróquia de São Julião*, Registos de Casamentos, Livro C3, Caixa 10.

ANTT, *Paróquia de São Paulo*, Registos de Casamentos, Livro C1, Caixa 15, fls. 14v-15.

- ANTT, *Real Mesa Censória*, Caixa 176 (MF2756).
- ANTT, *Real Mesa Censória*, Caixa 177.
- AUC, *Cartório Notarial de Coimbra*, Notas para escrituras diversas, Livro de Notas Nº1, V-1E-9-3-20, fl. 61v.
- AUC, *Cartório Notarial de Coimbra*, Notas para escrituras diversas, Livro de Notas Nº1, V-1E-9-3-20, fl. 97.

Bibliografia

- BONNANT, Georges (1961). “Les libraires du Portugal au XVIIIe siècle vus à travers leurs relations d’affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel». *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, VI(23-24), 195-200.
- CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de (2009). “A Fábrica de Papel da Lousã e o processo de industrialização em Portugal”. *Revista Da Faculdade de Letras*, III(10), 145-150.
- CURTO, Diogo Ramada, DOMINGOS, Manuela D., FIGUEIREDO, Dulce, & GONÇALVES, Paula (2014). *Gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- DOMINGOS, Manuela D. (2000). *Livreiros de setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DOMINGOS, Manuela D. (2002). *Bertrand: uma livraria antes do terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- GUEDES, Fernando (2012). *Livreiros franceses do Delfinado em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Editorial Presença.
- LOUREIRO, José Pinto (1954). “Livreiros e livrarias de Coimbra do século XVI ao século XX”. *Arquivo Coimbrão*, 12, 1-106.
- MEIRELES, Maria Adelaide (1995). *Os livreiros no Porto no século XVIII*. Porto: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas.
- NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das (2002). “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos”, in *X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ*. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <http://bit.do/neves2002> (consultado em 30 de novembro de 2019).
- NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das, & FERREIRA, Tania Maria Tavare Bessone da Cruz (2014). “Booksellers in Rio de Janeiro: The book trade and circulation of ideas from 1808 to 1831”, in A. C. S. da Silva & S. G. Vasconcelos (eds.), *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930: A Transatlantic Perspective* (35-51). Nova Iorque, Estados Unidos da América: Legenda.

Anexo 1

Autor	Obra	Ano de publicação
Abade Bartolomeu Soares de Lima Brandão	<i>Obras poeticas</i>	1794
Samuel Foart Simons	<i>Observações sobre a cura da gonorrhoea virulenta</i> (trad. José Bento Lopes)	1794
n/s	<i>Voz de Jesu Christo</i>	1794
José Manuel Ribeiro Vieira de Castro	<i>Discurso a favor das sciencias no governo monarchico</i>	1795
José Bento Lopes	<i>Anno medico, que contém as observações meteorologicas e medicas, feitas na cidade do Porto em 1792</i>	1796
Thomas Yriarte	<i>Fabulas Literarias</i>	1796
n/s	<i>Officio da Semana Santa</i>	1796
Fr. Francisco Larraga & Francisco Santos e Grosin	<i>Promptuario da Theologia Moral – Tomo I</i>	1797
Fr. Francisco Larraga & Francisco Santos e Grosin	<i>Promptuario da Theologia Moral – Tomo II</i>	1797
n/s	<i>Index Biblico do Antigo, e Novo Testamento</i>	1797
n/s	<i>Queixas de Clorindo, ou reprehçam amigavel das modas estravagantes. Parte segunda.</i>	1798